



# PRÁTICAS PREVENTIVAS E PRÁTICAS CURATIVAS NA MEDICINA 3

Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021



# PRÁTICAS PREVENTIVAS E PRÁTICAS CURATIVAS NA MEDICINA 3

Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Aleksandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Benedito Rodrigues da Silva Neto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P912 Práticas preventivas e práticas curativas na medicina 3 /  
Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-862-5

DOI 10.22533/at.ed.625210103

1. Medicina. 2. Saúde. I. Silva Neto, Benedito  
Rodrigues da (Organizador). II. Título.

CDD 610

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A práticas preventivas e práticas curativas, que por muito tempo andavam separadas e aplicadas a momentos distintos dos processos de saúde e doença dos indivíduos, cada vez mais tem adquirido um aspecto complementar, principalmente quando consideramos a Saúde Pública como uma missão, no sentido de viabilizar um bem social comum garantindo as condições de saúde para a população.

Esse modo de pensar a medicina e a saúde coletiva tem orientado as mudanças nas políticas de saúde no Brasil, mais precisamente a partir da Constituição de 1988, onde o princípio do direito universal à atenção à saúde se fundamentou em diretrizes para a descentralização e integralidade das ações, e principalmente na participação comunitária.

A Medicina preventiva por conceito está voltada fundamentalmente aos cuidados rotineiros e antecipados, contemplando a adesão aos programas de vacinação, a realização de check-ups e exames periódicos, a prática de atividade física regular e iniciativas relacionadas à saúde mental, como a prática de meditação e psicoterapias. Já a Medicina curativa é aquela direcionada à cura de enfermidades e/ou tratamento de sintomas, evitando o agravamento e aparecimento de complicações. As estratégias são muitas e variadas, de acordo com a doença a ser combatida, podendo englobar tratamentos medicamentosos, terapias, intervenções cirúrgicas, etc.

Baseados nos conceitos, e no caminhar lado-a-lado dessas duas abordagens, propomos com esta obra oferecer ao leitor material de qualidade fundamentado produções acadêmicas, desenvolvendo os principais conceitos e discutindo diferentes métodos relacionados à temática central dos quatro volumes iniciais.

Finalmente destacamos a importância da Atena Editora como mecanismo de viabilização dos dados através de uma literatura, rigorosamente avaliada e fundamentada.

Desfrute ao máximo desta literatura!

Benedito Rodrigues da Silva Neto

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **A ARTE GESTACIONAL COMO PRÁTICA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Valdiclea de Jesus Veras  
Rosemary Fernandes Correa Alencar  
Maria Almira Bulcão Loureiro  
Suzana Portilho Amaral Dourado

**DOI 10.22533/at.ed.6252101031**

### **CAPÍTULO 2..... 6**

#### **A INTEGRALIDADE NOS CUIDADOS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Carolina de Oliveira Bastos  
Isabelle Coelho Sampaio  
Manfrine Bernardo Lopes Barreto  
Thaynã Vargas Gomes  
Mônica Isaura Corrêa

**DOI 10.22533/at.ed.6252101032**

### **CAPÍTULO 3..... 19**

#### **ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL ISQUÊMICO: O DESENVOLVER DA ISQUEMIA E OS IMPACTOS NO SISTEMA NERVOSO CENTRAL**

Carlos Augusto Santos Franco  
Ize Amanda Pereira Marques  
Sílvia Fernanda Pereira Marques  
Thales Sales Cavalcante  
Leila Rodrigues Danziger

**DOI 10.22533/at.ed.6252101033**

### **CAPÍTULO 4..... 28**

#### **ADOLESCENTES E SUAS EXPERIÊNCIAS COM O PARTO**

Cynthia Dantas de Macedo Lins  
Iselena Claudino Bernardes Nóbrega  
Luiza Redin Festinalli

**DOI 10.22533/at.ed.6252101034**

### **CAPÍTULO 5..... 34**

#### **EPIDEMIOLOGICAL CHARACTERISTICS OF ADOLESCENTS WITH SALPINGITIS AND OOPHORITIS IN BRAZIL (2010-2019)**

Thalia de Souza Bezerra  
Giana Lobão Amaral  
Ana Beatriz de Sousa Moura  
Arthur Antunes Coimbra Pinheiro Pacífico  
Sarah Lima Monteiro  
Mariana de Souza Vidal  
Thainá Bastos Mangueira Moreira

Fernanda Teixeira Bentes Monteiro  
Mariana Albuquerque Montenegro  
**DOI 10.22533/at.ed.6252101035**

**CAPÍTULO 6..... 37**

**ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE HEMORRAGIA ANTEPARTAL EM ADOLESCENTES NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS**

Giana Lobão Amaral  
Arthur Antunes Coimbra Pinheiro Pacífico  
Fernanda Teixeira Bentes Monteiro  
Sarah Lima Monteiro  
Mariana Albuquerque Montenegro  
Thalia de Souza Bezerra  
Mariana de Souza Vidal  
Ana Beatriz de Sousa Moura  
Thainá Bastos Mangueira Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.6252101036**

**CAPÍTULO 7..... 39**

**EPIDEMIOLOGIA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM PERNAMBUCO**

Elisa Carla da Silva  
Raone Pedro da Silva Araujo  
Raquel Lira Lustosa Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.6252101037**

**CAPÍTULO 8..... 45**

**FORÇA MUSCULAR E PERCENTUAL DE GORDURA: UM ESTUDO TRANSVERSAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES OBESOS E EUTRÓFICOS**

Rafaela Maria de Souza  
Caroline Coletti de Camargo  
Brenda Carla de Sene Vaz  
Gustavo Carneiro Gomes  
Otávio Henrique Borges Amaral  
Gabriel Sgotti Hanczaryk dos Santos  
Ana Carolina de Jacomo Claudio  
Afonso de Mello Tiburcio  
Berlis Ribeiro dos Santos Menossi

**DOI 10.22533/at.ed.6252101038**

**CAPÍTULO 9..... 53**

**HEMORRAGIA PÓS-PARTO EM ADOLESCENTES: PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HOSPITALIZAÇÕES NO BRASIL NO PERÍODO DE 2017 A 2019**

Davi Nolasco Santana  
Maria Magalhães Frenzel Brito de Lucca  
José Rivaldo de Santana Júnior  
Fernanda de Miranda Barreto do Sacramento  
Jade Castro de Oliveira

João Pedro Silva Gama Matos  
DOI 10.22533/at.ed.6252101039

**CAPÍTULO 10..... 60**

**HIPERTIREOIDISMO FETAL E NEONATAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Isabella Polyanna Silva e Souza  
Kamilla Ferreira Paulik  
Natália da Silva Fontana  
Carlos Henrique Gusmão Sobrinho  
Gabriel Neil Cruvinel  
Ademar Caetano de Assis Filho

**DOI 10.22533/at.ed.62521010310**

**CAPÍTULO 11 ..... 66**

**IMPACTO E REPERCUSSÕES DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Juliana Pinheiro Dutra  
Melina Cançado Araújo Faria  
Carolina Soares Barros de Melo  
Adriana Ribeiro da Silva  
Larissa Paola Ferreira Figueiredo

**DOI 10.22533/at.ed.62521010311**

**CAPÍTULO 12..... 71**

**INTERVENÇÕES HORMONAIS E CIRÚRGICAS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
TRANSGÊNERO**

Melina Cançado Araújo Faria  
Carolina Soares Barros de Melo  
Adriana Ribeiro da Silva  
Juliana Pinheiro Dutra  
Larissa Paola Ferreira Figueiredo

**DOI 10.22533/at.ed.62521010312**

**CAPÍTULO 13..... 83**

**O CONSUMO DE ÁLCOOL E A RELAÇÃO COM FATORES DE RISCOS  
CARDIOVASCULARES EM TRABALHADORES DE UMA EMPRESA DE BIOENERGIA**

Maria Clara Belarmino Caires  
Jimi Hendrex Medeiros de Sousa  
Marcio Costa de Souza  
Marcos Lázaro da Silva Guerreiro  
Carlos Jefferson do Nascimento Andrade  
Astria Dias Ferrão Gonzales

**DOI 10.22533/at.ed.62521010313**

**CAPÍTULO 14..... 99**

**O PESO DA MACROMASTIA SOBRE A AUTOIMAGEM NA ADOLESCÊNCIA: UMA  
REVISÃO SISTEMATIZADA**

Luiz Paulo de Souza Prazeres  
Maria Clara de Sousa Lima Cunha

Lisiane Vital de Oliveira  
Glauber Gotardo Pinheiro dos Santos  
Helena Barreto Maia Gomes Cavalcanti  
Igo Guerra Barreto Nascimento  
Gardênia Maria Marques Bulhões  
Lucas Nascimento Monteiro  
Paulo Henrique Alves da Silva  
Melissa Nathalye Ramos e Gonçalves  
Voney Fernando Mendes Malta  
Lorena Nascimento Monteiro

**DOI 10.22533/at.ed.62521010314**

**CAPÍTULO 15..... 103**

**O USO DE SIMULAÇÕES PARA CAPACITAR O ALUNO DE MEDICINA PARA O ATENDIMENTO AO RECÉM-NASCIDO EM SALA DE PARTO - FORMANDO O MÉDICO PARA O ATENDIMENTO EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

Laura Fernanda Fonseca  
Leonardo de Souza Cardoso  
Giovana Camargo de Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.62521010315**

**CAPÍTULO 16..... 110**

**EPIDEMIOLOGICAL ASPECTS OF ADOLESCENT PATIENTS WITH ENDOMETRIOSIS IN BRAZIL (2010-2019)**

Thalia de Souza Bezerra  
Giana Lobão Amaral  
Ana Beatriz de Sousa Moura  
Arthur Antunes Coimbra Pinheiro Pacífico  
Sarah Lima Monteiro  
Mariana de Souza Vidal  
Thainá Bastos Mangueira Moreira  
Fernanda Teixeira Bentes Monteiro  
Mariana Albuquerque Montenegro

**DOI 10.22533/at.ed.62521010316**

**CAPÍTULO 17..... 112**

**PROMOÇÃO DE SAÚDE SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA**

Vitória Campanha Gomez  
Manoela Zen Ramos  
Lívia Menegat Bortoluzzi  
Giulia Giampaoli Garayp  
Sandra Cristina Poerner Scalco

**DOI 10.22533/at.ed.62521010317**

**CAPÍTULO 18..... 118**

**REVISÃO INTEGRATIVA: ANÁLISE E COMPILAÇÃO DOS TIPOS E PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MATERNIDADES NO BRASIL**

Bruno Barbosa Linhares

Gabriel Ribeiro Messias Paraíso  
Ana Carolina Batista Rodrigues  
Marina Sophia Leite Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.62521010318**

**CAPÍTULO 19..... 130**

**TRANSTORNOS HIPERTENSIVOS DA GESTAÇÃO NA ADOLESCENTE GRÁVIDA NO BRASIL (2010-2019)**

Ana Beatriz de Sousa Moura  
Arthur Antunes Coimbra Pinheiro Pacífico  
Giana Lobão Amaral  
Sarah Lima Monteiro  
Mariana de Souza Vidal  
Thalia de Souza Bezerra  
Thainá Bastos Mangueira Moreira  
Fernanda Teixeira Bentes Monteiro  
Mariana Albuquerque Montenegro

**DOI 10.22533/at.ed.62521010319**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 133**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 134**

## REVISÃO INTEGRATIVA: ANÁLISE E COMPILAÇÃO DOS TIPOS E PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MATERNIDADES NO BRASIL

Data de aceite: 26/02/2021

Data de submissão: 15/01/2021

**Bruno Barbosa Linhares**

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/8303975363524923>

**Gabriel Ribeiro Messias Paraíso**

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/2181744936941850>

**Ana Carolina Batista Rodrigues**

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/1833448556137424>

**Marina Sophia Leite Rodrigues**

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/7691050637490359>

**RESUMO: Introdução:** O parto é um momento crucial para a humanidade, logo, os profissionais que atuam neste devem ter, além de conhecimento técnico, máximo respeito e cuidado à parturiente. Entretanto, existe uma prevalência significativa de más-práticas nos cuidados no parto, que correspondem a denominada violência obstétrica. Sua existência reflete uma inadequada experiência de parto nas maternidades brasileiras, o que instiga sobre sua prevalência, comportamento e características. **Objetivos:** A presente revisão integrativa estudou 14 artigos

científicos que analisaram a temática da violência obstétrica quantitativamente, com objetivo de responder uma pergunta guia: qual a prevalência dos diferentes tipos de violência obstétrica nas maternidades brasileiras na última década?

**Métodos:** A estratégia metodológica utilizada foi a revisão integrativa de literatura, utilizando 14 artigos que abordaram o tema da violência obstétrica em maternidades brasileiras na última década. O levantamento bibliográfico foi realizado com a utilização das seguintes bibliotecas virtuais: SciELO, MEDLINE via Pubmed e portal BVS, com acesso a suas bibliotecas virtuais específicas (LILACS e BDEF) sendo incluídas publicações de natureza quantitativa, nos idiomas português, inglês ou espanhol, no período entre 2010 a 2020. Os estudos selecionados foram organizados objetivando classificar cada ato ou má-prática em uma das sete categorias definidas por Hill e Bowser e reconhecidas pela OMS.

**Resultados:** Analisando as informações dos artigos selecionados em relação à média geral de prevalência de cada categoria de violência obstétrica, observou-se o seguinte: abuso físico 23%, cuidado não consentido 67%, cuidado não confidencial 1%, cuidado indigno 4%, discriminação baseada em atributos específicos da paciente 0%, abandono de cuidados 5%, detenção em instalações 0%. **Conclusões:** Esta revisão lança luz sobre a existência e prevalência da violência obstétrica, com destaque a categoria 'cuidado não consentido' como a principal nas maternidades brasileiras, além de evidenciar a necessidade de produção científica para aprofundar o tema, visando reduzir sua incidência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Parto Obstétrico; Brasil; Violência Obstétrica.

## INTEGRATIVE REVIEW: ANALYSIS AND COMPILATION OF TYPES AND PREVALENCE OF OBSTETRIC VIOLENCE IN MATERNITIES IN BRAZIL

**ABSTRACT: Introduction:** Childbirth is a crucial moment for humanity, therefore, the health professionals must have, in addition to technical knowledge, maximum respect and care for the parturient. However, there is a significant prevalence of malpractice in childbirth care, which corresponds to so-called obstetric violence. Its existence reflects an inadequate experience of childbirth in Brazilian maternities, which instigates its prevalence, behavior and characteristics. **Objectives:** This integrative review studied 14 scientific articles that analyzed the theme of obstetric violence quantitatively, in order to answer a guiding question: what is the prevalence of different types of obstetric violence in Brazilian maternity hospitals in the last decade? **Methods:** The methodological strategy used was the integrative literature review, using 14 articles that addressed the topic of obstetric violence in Brazil in the last decade. The bibliographic survey was carried out using the following virtual libraries: SciELO, MEDLINE via Pubmed and the VHL portal, with access to their specific virtual libraries (LILACS and BDNF), including publications of a quantitative nature, in Portuguese, English or Spanish, in period from 2010 to 2020. The selected studies were organized with the objective of classifying each act or malpractice into one of the seven categories defined by Hill and Bowser and recognized by WHO. **Results:** Analyzing the information in the selected articles in relation to the general average prevalence of each category of obstetric violence, the following was observed: physical abuse 23%, non-consented care 67%, non-confidential care 1%, unworthy care 4%, discrimination based on specific attributes of the patient 0%, abandonment of care 5%, detention in facilities 0%. **Conclusions:** This review sheds light on the existence and prevalence of obstetric violence, with emphasis on the category 'non-consented care' as the main in Brazil, in addition to highlighting the need for scientific production to deepen the theme, aiming to reduce its incidence.

**KEYWORDS:** Obstetric Delivery; Brazil; Obstetric Violence.

## 1 | INTRODUÇÃO

O parto é um momento crucial e imprescindível para a humanidade. Não é difícil a compreensão da sua importância e magnitude, uma vez que suas implicações se estendem de forma marcante, desde a esfera microscópica e pessoal, até a esfera macroscópica, por ser revelador de panoramas sociais, econômicos, políticos e de saúde (REIS, *et al.*, 2017). Devido a seu exímio valor, os profissionais que estão inseridos na atuação direta do parto devem ser diferenciados, uma vez que estão lidando com um momento de complexa magnitude. Necessitam ser, primeiramente, capacitados, excelentes em área técnica, prontos para a condução correta dos percalços e intercorrências, assim como capazes de minimizar e reparar possíveis danos. Ademais, devem ser cautelosos, atuar da melhor maneira possível e visar ao máximo respeito e cuidado à parturiente, foco central do ato do parto (CUNHA, *et al.*, 2020). Todavia, será que isso realmente acontece?

Muitas mulheres em ao redor do mundo sofrem tratamento desrespeitoso, abusivo ou

negligente durante o parto (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018) (WHITE RIBBON ALLIANCE, 2011), o que constitui uma violação de direitos humanos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019). Tais práticas e condições caracterizam o que passou a ser conhecido como desrespeito e abuso (D&A), maus-tratos ou violência obstétrica (VO) (ASEFA, *et al.*, 2018)(FREEDMAN, *et al.*, 2018).

A VO contempla dois grupamentos: práticas/procedimentos da assistência médica, assim como atitudes da relação médico-paciente. Em relação aos procedimentos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) liberou em 2018 um artigo denominado Recomendações da OMS - Cuidados intraparto para uma experiência positiva no parto - (“*WHO Recommendations – Intrapartum care for a positive child birth experience*”, da língua inglesa original) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018). Neste, há uma listagem dos procedimentos médicos realizados durante o parto e o pós-parto na parturiente e no recém-nascido, os quais foram analisados e, a partir de embasamento científico, determinou-se quais práticas possuem real comprovação de beneficência ao binômio materno-fetal e quais práticas não, devendo, estas portanto, serem proscritas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018). Já em relação a atitudes da relação médico-paciente, os atos considerados violações psicológicas e humanitárias são aqueles contrários ao padrão moral e ético a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Todavia, apesar de a importância de se alcançar um parto respeitoso e não abusivo para todas as mulheres ser algo já estabelecido no cenário internacional, não houve consenso formal sobre como fazê-lo. Portanto, com o intuito de categorizar todo esse conhecimento sobre VO e assistência ao parto, desde as práticas e procedimentos até a manutenção dos direitos humanos e, principalmente, visando facilitar o entendimento do tema, duas pesquisadoras de *Harvard* chamadas *Hill* e *Bowser* (HILL e BOWSER, 2010) tiveram a ideia de revolucionar a classificação de violência. Com base nos resultados de uma extensa revisão da literatura publicada, associada à discussões estruturadas em grupo de especialistas, foram propostas sete categorias de desrespeito na assistência ao parto: abuso físico, cuidado não consentido, cuidado não confidencial, cuidado indigno, discriminação baseada em atributos da paciente, abandono de cuidados e detenção em instalações. Todas as categorias de desrespeito e abuso descritas acima se baseiam em direitos humanos e princípios de ética e têm como objetivo ajudar a sintetizar um corpo de evidências (HILL e BOWSER, 2010). É interessante citar que a OMS em 2014 endossou a categorização proposta pelas autoras de *Harvard* na criação dos denominados ‘Cuidados Respeitosos da Maternidade’ (*Respectful Maternity Care: Universal Rights of Childbearing Women* (RMC), na língua inglesa original) (WHITE RIBBON ALLIANCE 2011).

Ainda não se sabe ao certo os motivos da ocorrência dessas práticas. Dois principais fatores, associados e sinérgicos, parecem estar envolvidos: o desconhecimento e baixa disseminação da assistência humanizada ao parto entre os profissionais de saúde

e a influência de ideias misóginas e machistas na área de conhecimento e treinamento assistencial, com a percepção de que o corpo e as atitudes da mulher precisam de controle, correção e possível melhoramento (CUNHA, *et al.*, 2020)(DINIZ, *et al.*, 2015). Para que o entendimento total sobre VO ocorra, é necessário, primeiramente, que seja estabelecido de que forma estão acontecendo.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo estabelecer uma revisão de artigos científicos do Brasil, analisando a prevalência em conjunto dos tipos de VO que foram descritas e relatadas, com base nos tipos de violência que as pesquisadores Hill e Bowser (HILL e BOWSER, 2010) estabeleceram e a OMS endossou através da RMC (WHITE RIBBON ALLIANCE, 2011).

## 2 | MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1 Desenho

Foi conduzida uma revisão integrativa de literatura. Para se alcançar essa finalidade, propôs-se a construção da revisão baseada em seis etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; categorização dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados; apresentação da revisão.

### 2.2 Metodologia da pesquisa bibliográfica

O levantamento bibliográfico foi realizado com a utilização das seguintes bibliotecas virtuais: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) via Pubmed e portal Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com acesso a suas bibliotecas virtuais específicas (LILACS e BDENF).

Foram determinados os seguintes critérios de inclusão: publicações de natureza quantitativa, nos idiomas português, inglês ou espanhol, no período entre 2010 a 2020, que pudessem responder à seguinte questão norteadora: ‘Qual a prevalência dos diferentes tipos de violência obstétrica nas maternidades brasileiras na última década?’ Foram determinados como critério de exclusão artigos que não retratavam o tema em âmbito nacional, que não compreendiam o período entre 2010 e 2020 e que não abordavam o tema em análise quantitativa de forma que fosse possível distinguir as diferentes categorias de violência obstétrica.

Para o levantamento dos artigos a estratégia de busca utilizada combinou os seguintes descritores e palavras-chave na língua inglesa: “*Delivery, obstetric*”, “*Obstetric violence*”, “*Disrespect and abuse*”, “*Brazil*” e portuguesa: “Parto Obstétrico”, “Violência Obstétrica”, “Desrespeito e abuso”, “Brasil”. Inicialmente, foram localizadas 1020 publicações, cujos títulos e resumos foram lidos, bem como avaliados os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, sendo excluídas 968 publicações. Foram selecionadas 52 publicações para

leitura na íntegra, dos quais permaneceram 14 publicações que contemplam a amostra que compõe esta revisão.

### 2.3 Metodologia da análise dos dados

Os referidos estudos selecionados foram organizados e analisados no programa *Microsoft Office Excel*. Posteriormente à triagem, foram estudados os resultados descritos em cada artigo, inicialmente objetivando classificar cada ato ou má-prática referida em uma das sete categorias definidas por *Hill e Bowser* e reconhecidas pela OMS.

Os números absolutos dos relatos de cada categoria de violência obstétrica foram somados e chegou-se aos números de relatos de violência em cada artigo, em seu valor por categoria e no total (n=285.149). É importante ressaltar que esse número, na maioria dos estudos analisados, é superior ao número de participantes devido ao fato de uma mesma entrevistada relatar mais de um tipo de VO durante seu parto.

Abuso Físico	Tapas; beliscões; socos; toques vaginais desnecessários, repetitivos, agressivos ou feito por profissionais diferentes; uso de episiotomia; realização de procedimentos sem a analgesia correta; contenção física de pernas e braços; manobra de Kristeller; puxos dirigidos; cirurgia cesárea eletiva ou sem indicação.
Cuidado Não Consentido	Ausência de acompanhante; escolha da posição de parto pela equipe assistente e não pela paciente; uso de ocitocina sem indicação ou indução do parto sem necessidade; realização rotineira ou inadequada de amniotomia; restrição hídrica e alimentar; não realização de contato pele a pele pós-nascimento; clameamento precoce de cordão umbilical sem indicação; ausência de amamentação logo após o nascimento; utilização de analgesia farmacológica em detrimento das não farmacológicas; realização de enema; venóclise; tricotomia; procedimentos realizados sem consentimento e explicação; ausência de participação nas decisões; uso inadequado de fórceps; realização de manobra de valsava.
Cuidado Não Confidencial	Partos à vista de desconhecidos, sem privacidade; ausência de confidencialidade das informações pessoais da paciente, como idade, histórico médico, patologias estigmatizadoras; ausência de quarto privativo durante do parto.
Cuidado Indigno	Xingamentos; gritos; culpabilização; humilhações; ameaças; piadas; apelidos; tratamento de forma grosseira, vexatória, irônica ou inferiorizada; adoção de discurso autoritário, intimidador e hostil; desrespeito e atitude não profissionais; ausência de suporte emocional; estímulos contra gritos durante o parto.
Discriminação Baseada em Atributos Específicos da Paciente	Desrespeito, estigma, preconceito ou tratamento diferencial e discriminatório à mulher diante da sua cor, raça/etnia, condição social, econômica, conjugal, opção sexual, religião, escolaridade, crenças e preferências tradicionais.
Abandono de Cuidados	Assistência indiferente, ausência de partograma, desamparo, recusa em promover cuidados às parturientes consideradas queixosas, abandono durante o parto e nascimento, descaso na monitorização e intervenções em situações de risco de vida.
Detenção em Instalações	Detenção de puérperas, de recém-nascidos ou ambos em unidades de saúde.

Quadro 1: Procedimentos e atos violentos da assistência ao parto, subdivididas nas sete categorias de violência obstétrica

Fonte: Adaptado de Hill K, Bowser D. Exploring Evidence for Disrespect and Abuse in Facility-Based Childbirth. *Usaid - Harvard Sch Public Heal*. 2010;2:1-57(Hill and Bowser 2010)

Por fim, foi calculada a porcentagem da prevalência de cada tipo de VO em cada artigo selecionado, avaliando, então, a média da prevalência por tipo de VO de todos os estudos examinados nessa revisão, conjuntamente.

### 3 | RESULTADOS

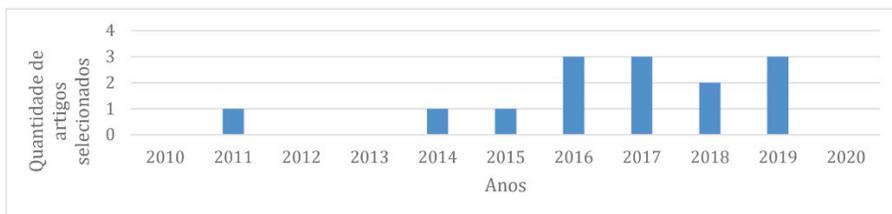


Gráfico 1: Categorização por ano de publicação dos 14 artigos sobre violência obstétrica avaliados

Fonte: Elaborado pelos autores

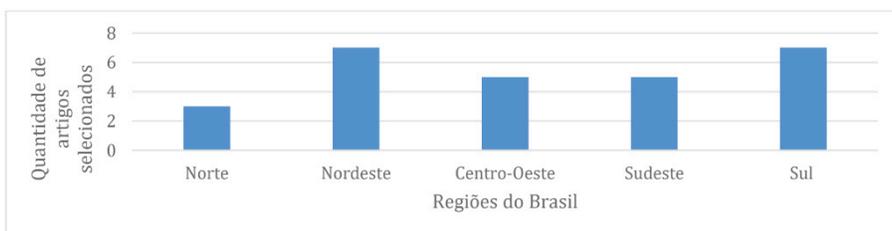


Gráfico 2: Categorização por região estudada pelos 14 artigos sobre violência obstétrica avaliados

Fonte: Elaborado pelos autores

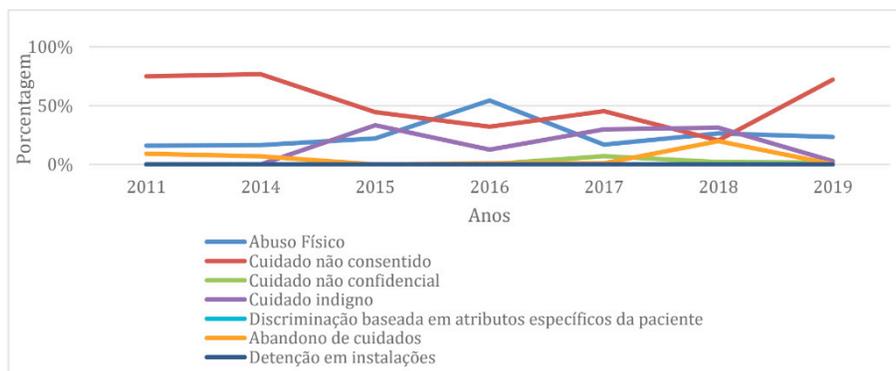
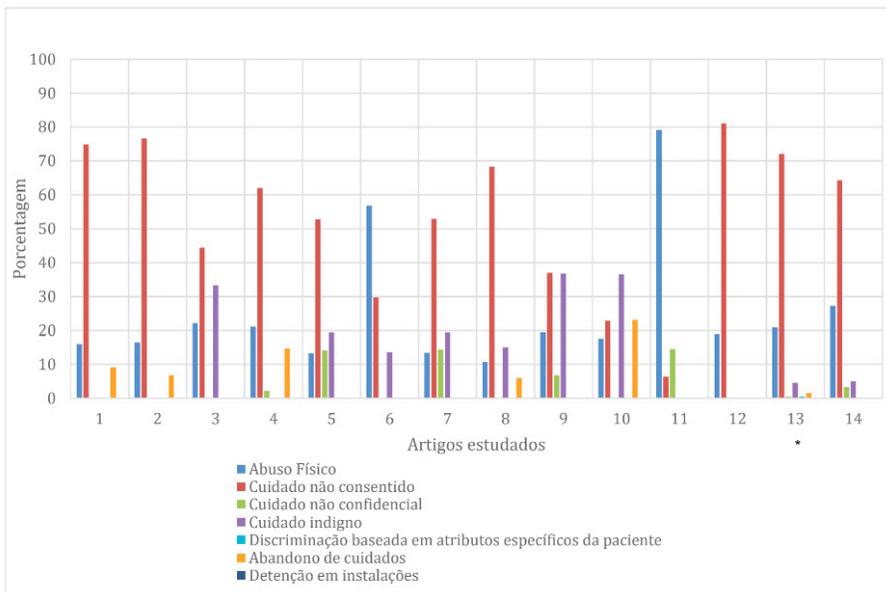


Gráfico 3: Prevalência das categorias de violência obstétrica baseada nos artigos selecionados por ano

Fonte: Elaborado pelos autores



\* No artigo identificado como número 13, as categorias 'cuidado indigno' e 'abandono de cuidados' foram estudadas somente em uma parcela selecionada (n=64) do total de mulheres do estudo (n= 732).

Gráfico 4: Prevalência das categorias de violência obstétrica por artigo estudado em valores percentuais

Fonte: Elaborado pelos autores

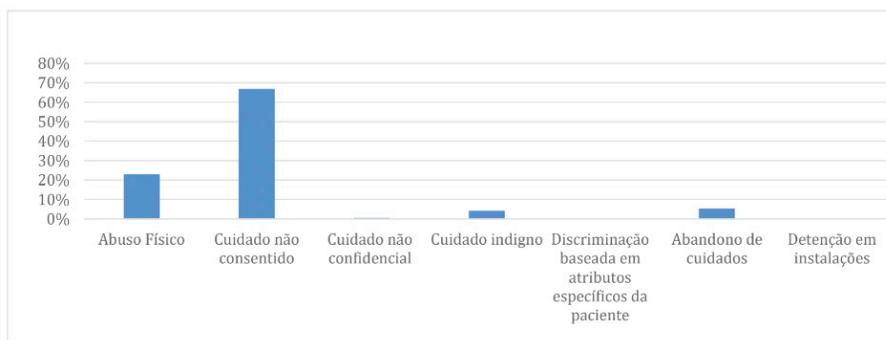


Gráfico 5: Média da prevalência das categorias de violência obstétrica, utilizando em conjunto os dados dos 14 artigos selecionados

Fonte: Elaborado pelos autores

<b>N</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores</b>	<b>Local do estudo</b>
1	Avaliação da qualidade da assistência ao parto normal	2011	Giglio M, França E,	13 hospitais para partos de baixo risco, Goiânia - GO
2	Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual	2014	Leal M, Pereira AP, Domingues RM, et al	Maternidades em 266 hospitais de 191 municípios, contemplando todos os estados do Brasil
3	Violência obstétrica: perfil assistencial de uma maternidade escola do interior do estado de São Paulo	2015	Biscegli T, Grio J, Melles L, Mastrangi R, et al	Maternidade do Hospital Escola Padre Albina (HEPA), Catanduva - SP
4	Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco	2016	Andrade P, da Silva J, Diniz C, Caminha MF	Instituto de Medicina Integral Professor Fenando Figueira, Recife - PE
5	Prevalência da medicalização do trabalho de parto e parto na rede pública de saúde	2016	Monteschio L, Sgobero J, Oliveira R, Serafim D	2 hospitais de referência ao parto pelo SUS, Maringá - PR
6	Raça e violência obstétrica no Brasil	2016	Lima K	Hospitais pelo país com dados da Rede Cegonha (RC)
7	A qualidade do atendimento ao parto na rede pública hospitalar em uma capital brasileira: a satisfação das gestantes	2017	Silva A, Mendes A, Miranda G, Souza W	8 unidades da rede pública (SUS), Recife - PE
8	Violência obstétrica no processo de parturição em maternidades vinculadas à Rede Cegonha	2017	Rodrigues F, Lira S, Magalhães P, Freitas AL	11 hospitais-maternidades vinculadas à Rede Cegonha de Fortaleza/ Cascavel (CE)
9	Violência obstétrica em mulheres brasileiras	2017	Palma C, Donelli TM	Maternidades públicas e privadas, de todo Brasil, através do questionário online "Avaliação de Violência no Parto"
10	Desrespeito e abuso de mulheres durante o processo de parto na coorte de nascimentos de 2015 em Pelotas	2018	Mesenburg M, Victora C, Serruya S, et al	Pelotas - RS
11	Parto e nascimento na região rural: a violência obstétrica	2018	Silva M, Feijó B, Lopes F, et al	2 maternidades de referência para o Maciço de Baturité, região rural do CE
12	Atenção ao parto e parto em um hospital universitário: comparação de práticas desenvolvidas após a Rede Cegonha	2019	Lopes G, Gonçalves A, Gouveia H, Armellini C	Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre - RS
13	Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes	2019	Lansky S, Souza K, Peixoto E, et al	Sentidos do Nascer, exposição em 5 municípios: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Niterói, Ceilândia e Brasília
14	Modelos de assistência obstétrica na Região Sul do Brasil e fatores associados	2019	Velho M, Brüggemann O, McCourt C, et al	46 hospitais da Região Sul, coletados na pesquisa Nascer no Brasil

Quadro 2: Compilado dos artigos revisados, subdivididos em número, título, ano, local e objetivo de cada estudo

Fonte: Elaborado pelos autores

## 4 | DISCUSSÃO

A partir da análise dos resultados desta revisão integrativa, primeiramente, é possível analisar a contemporaneidade, importância e interesse crescente sobre VO ao se observar os anos de publicação dos artigos estudados, visto que constatou-se que cerca de 85% dos 14 artigos avaliados nesta revisão foram publicados nos últimos 5 anos.

Em relação às categorias de VO por artigo estudado, a mais prevalente foi ‘cuidado não consentido’, que surgiu em 78% nos trabalhos analisados, assim como apresenta-se a mais prevalente em relação à prevalência das categorias de VO por ano de publicação, sendo predominante em 71% dos anos.

Isso ocorre, possivelmente, por dois principais motivos: esta categoria é a que possui maiores exemplos de práticas de assistência ao parto, especialmente aquelas que acontecem com maior frequência no cotidiano dos serviços de obstetria. Esta característica é entendida ao avaliar que as principais práticas da classificação são as seguintes: ausência de acompanhante, amniotomia, jejum prolongado e uso de ocitocina (HILL e BOWSER, 2010). Ou seja, são exemplos que acontecem com uma frequência significativa nas maternidades brasileiras (ANDRADE, *et al.*, 2016), uma vez que estas práticas são normatizadas na rotina dos serviços. Afinal, agredir fisicamente ou discriminar a raça de qualquer indivíduo, inclusive uma parturiente, é cultural e socialmente reconhecido como violência, além de ser crime pelo código penal (CÓDIGO PENAL, 1940). Entretanto, deixar o acompanhante de fora do parto não é visto da mesma forma, tendo sua característica de “violência” diminuída.

Ainda em relação à prevalência de cada categoria por artigo, as categorias ‘abuso físico’ e ‘cuidado indigno’ também merecem ênfase visto que se apresentaram destaque, muito provavelmente devido ao fato de que ambas as categorias reúnem práticas de assistência ao parto relativamente corriqueiras, como por exemplo a manobra de Kristeller e a episiotomia (‘abuso físico’) e abusos verbais, xingamentos, gritos e desrespeito (‘cuidado indigno’) HILL e BOWSER, 2010).

Por fim, ao analisar a média geral e em conjunto das categorias de VO de todos os 14 artigos estudados nos 7 anos de publicações, observa-se que a classe que apresenta a maior média de prevalência (67%) é ‘cuidado não consentido’. Essa predominância ocorre, principalmente, devido ao fato desta categoria possuir muitas tipificações de práticas de assistência ao parto – característica já exibida e analisada anteriormente.

A categoria ‘abuso físico’ apresenta a segunda maior média de prevalência (23%) dentre as classes, o que corrobora os fatos anteriormente expostos, os quais atribuem este aumento na prevalência a práticas de assistência ao parto relativamente rotineiras. Dentre as demais médias de prevalência, é possível observar que apresentam porcentagem semelhantes (5% e 4%), respectivamente, ‘abandono de cuidados’ e ‘cuidado indigno’.

Outro ponto interessante a destacar é em relação à prevalência da categoria

'discriminação baseada em atributos específicos da paciente'. O Brasil é um país notoriamente reconhecido como racista (LIMA, 2016), e, apesar disto, em todos os 14 artigos estudados a prevalência desta categoria foi nula (0%), resultado que contradiz a expectativa lógica. Possivelmente, essa ocorrência se deu pela forma como as pesquisas quantitativas são feitas, porque, ao avaliar a qualidade da assistência ao parto, as perguntas que são realizadas abordam a ocorrência ou não de determinada prática, mas não sua motivação, se foi praticada devido à raça ou qualquer atributo específico da parturiente.

A categoria 'detenção em instalações' é intrigante. Dentre todos os 14 artigos estudados, esta foi a única classe que não apresentou nenhum valor absoluto, conseqüentemente, nenhum valor percentual. O porquê reside em um principal motivo: o fato da retenção de puérperas nos serviços de obstetrícia não ocorrer no Brasil, pois a maioria das hospitalizações são cobertas pelo governo, sendo gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ou por planos de saúde.

#### **4.1 Limitações do estudo**

Este estudo apresentou como limitações a escassez de produções quantitativas sobre a violência obstétrica, tendo a maioria expressiva de estudos científicos sobre o tema enfoque qualitativo, associado a relatos e casos. Além disso, outra limitação existente foi o fato das poucas produções quantitativas existentes não apresentarem dados diversificados, de forma que focavam em algumas categorias específicas de violência, associado à baixa utilização da classificação das sete categorias, o que dificulta a comparação de dados.

#### **4.2 Relevância do trabalho**

Em contrapartida, o estudo possui como pontos positivos o fato de ter proposto uma reflexão sobre um tema tão vital e em evidência no cenário científico nacional e internacional. Além disso, de forma mais específica, lançou luz sobre as mais diversas categorias de violência obstétrica, tornando possível evidenciar que muitas práticas normatizadas são, na verdade, violentas.

### **5 | CONCLUSÕES**

A partir dos dados coletados através dos estudos que foram selecionados para análise nesta revisão integrativa, foi possível observar que a violência obstétrica é um tema contemporâneo, vital e exponencial, com destaque no cenário científico, além da imensa importância para a prática médica.

A análise quantitativa destacou como principal categoria de VO a denominada 'cuidado não consentido', com alta prevalência por artigo estudado, no decorrer da última década e maior média geral conjunta de prevalência. Ademais, a análise desvelou que a categoria 'abuso físico' também apresentou evidência como a segunda maior média geral conjunta de prevalência.

Em relação a classe 'cuidado indigno', esta teve relevância pois foi a categoria

mais prevalente em um artigo e a segunda mais prevalente em cinco estudos. A categoria 'abandono de cuidados', por sua vez, apresentou notoriedade na média geral conjunta de prevalência, na qual obteve terceira maior média. Em relação as classes 'cuidado não confidencial', 'discriminação baseada em atributos específicos da paciente' e 'detenção em instalações', todas apresentaram pouca relevância em seus valores de prevalência.

Ainda nesse âmbito quantitativo, tornou-se explícito que o Brasil até então produz muito conteúdo científico sobre assistência ao parto focando em determinadas categorias de violência, deixando de explorar outras classes que são de importância equivalente e, infelizmente, encontram-se negligenciadas.

Considerando a assistência abusiva, desrespeitosa e violenta ao parto como inadmissível, faz-se necessário que novos estudos sejam realizados para o aprofundamento do tema, com intuito de elucidar quais são as dificuldades que necessitam ser derrubadas. Por fim, objetiva-se que ocorra uma mudança de atitude das equipes que prestam assistências às gestantes e parturiente, para que a violência obstétrica tenha sua prevalência cada vez mais reduzida.

## REFERÊNCIAS

REIS, T. et al. Autonomia feminina no processo de parto e nascimento: revisão integrativa da literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, e64677. 2017.

CUNHA, A. et al. Produção de conhecimento sobre violência obstétrica: O lado desconhecido do parto. **Revista Nursing**, v. 23, n. 260, p. 3529-3532. 2020.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Intrapartum Care for a Positive Childbirth Experience WHO Recommendations**. 2018.

WHITE RIBBON ALLIANCE. **Respectful Maternity Care: The Universal Rights of Childbearing Women**. 2011.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **A human rights-based approach to mistreatment and violence against women in reproductive health services with a focus on childbirth and obstetric violence**. 2019.

ASEFA, A. et al. Service providers' experiences of disrespectful and abusive behavior towards women during facility based childbirth in Addis Ababa, Ethiopia. **Reproductive Health**. v. 15, n. 1, p. 1-4. 2018.

FREEDMAN, L. et al. Eye of the beholder? Observation versus self-report in the measurement of disrespect and abuse during facility-based childbirth. **Reproductive Health Matters**. v. 26, n. 53, p.107-122. 2018.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

HILL K, BOWSER D. Exploring Evidence for Disrespect and Abuse in Facility-Based Childbirth. **Usaid - Harvard School of Public Health**. v. 2, p. 1-57. 2010.

DINIZ, S. et al. Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. **Journal of Human Growth and Development**, v. 25, n. 3, p. 377-384. 2015.

GIGLIO, M. et al. Avaliação Da Qualidade Da Assistência Ao Parto Normal. **Rev Bras Ginecol Obstet**. v. 33, n. 10, p. 297-304. 2011.

LEAL, M. et al. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. **Cad Saude Publica**. v. 30: Sup:S17-S47. 2014.

BISCEGLI, T. et al. Violência obstétrica: perfil assistencial de uma maternidade escola do interior do Estado de São Paulo. **Revista CuidArte Enfermagem**. v. 9, n. 1, p.18-24. 2015.

ANDRADE, P. et al. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Rev Bras Saude Matern Infant**. v. 16, n. 1, p. 29-37. 2016.

MONTESCHIO, L. Prevalência da medicalização do trabalho de parto e parto na rede pública de saúde. **Ciência, Cuid e Saúde**. v. 15, n. 4, p. 591. 2016.

LIMA, K. Raça e violência obstétrica no Brasil. **Fundação Oswaldo Cruz Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - Departamento de Saúde Coletiva**. 2016.

SILVA, A. et al. A qualidade do atendimento ao parto na rede pública hospitalar em uma capital brasileira: A satisfação das gestantes. **Cadernos de Saude Publica**. v. 33, n. 12. 2017.

RODRIGUES, F. et al. Violência obstétrica no processo de parturição em maternidades vinculadas à Rede Cegonha. **Reprod e Clim**. v. 32, n. 2, p. 78-84. 2017.

PALMA, C. et al. Violência obstétrica em mulheres brasileiras. **Psico**. v. 48, n. 3, p. 216-230. 2017.

MESENBURG, M. et al. Desrespeito e abuso de mulheres durante o processo de parto na coorte de nascimentos de 2015 em Pelotas. **Reprod Health**. v. 15, n. 54. 2018.

SILVA, M, FEIJÓ, B. et al. Parto e nascimento na região rural: a violência obstétrica. **Rev Enferm UFPE online**. v. 12, n. 9, p.2407-2417. 2018.

LOPES, G. et al. Atenção ao parto e parto em um hospital universitário: comparação de práticas desenvolvidas após a Rede Cegonha. **Rev Lat Am Enfermagem**. v. 27, e3139. 2019.

LANSKY, S. et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Cienc e Saude Coletiva**. v. 24, n. 8, p. 2811-2824. 2019.

VELHO, M. et al. Modelos de assistência obstétrica na Região Sul do Brasil e fatores associados. **Cad Saude Publica**. v. 35, n. 3, e00093118. 2019.

CÓDIGO PENAL. **Decreto - Lei No 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. 1940.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 66, 67, 68, 69, 70

Acidente vascular cerebral 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Adolescentes 8, 12, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 81, 100, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 130, 132

Adolescent medicine 35, 36, 38, 81, 111, 116

Arte gestacional 1, 2, 3, 5

### B

Brasil 3, 5, 8, 12, 13, 18, 29, 30, 32, 35, 37, 39, 40, 41, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 70, 75, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 97, 105, 111, 113, 118, 119, 121, 125, 127, 128, 129, 130

### C

Cirurgia 71, 72, 80, 122

Comportamentos 6, 7, 13, 15, 16, 69, 74, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115

Crianças 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 43, 45, 46, 47, 49, 51, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 80

### D

Doença tireoidiana 60

### E

Empoderamento 1, 3

Epidemiologia 7, 35, 38, 39, 73, 111, 131

Epidemiology 35, 38, 111, 131

Experiência 1, 2, 3, 28, 31, 33, 75, 103, 107, 118, 120, 133

### F

Força muscular 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51

### G

Gestação de risco 39, 41

Ginecologia 28, 66, 70, 71, 117

Gravidez na adolescência 39, 40, 41, 43, 44, 113, 116, 131

### H

Hemorragia anteparto 37, 38

Hemorragia pós-parto 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Hipóxia 19, 22, 24, 26

Hormônio 61, 63, 71, 72, 75

Humanização 1, 2, 3, 4, 5, 28, 29, 30, 32, 33

Humanização parto 1

## **I**

Inclusão 3, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 17, 21, 75, 114, 121

Infância 39, 40, 41, 47, 66, 67, 69, 70, 72, 113

Integralidade 3, 6, 8, 9, 12, 13

Isquemia cerebral 19, 22, 26

## **M**

Medicina do adolescente 35, 38, 111

Morbimortalidade neonatal 60

Multiprofissionais 6, 12, 13

## **O**

Obesidade infantil 46

Oophoritis 34, 35

## **P**

Parto 10, 1, 2, 3, 4, 5, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130

Parto obstétrico 119, 121

Pediatria 17, 43, 51, 66, 74, 82

Perfil epidemiológico 22, 26, 39, 41, 53, 54

## **R**

Rastreio gestacional 60

## **S**

Salpingitis 34, 35

Satisfação 1, 28, 30, 31, 67, 70, 96, 97, 125, 129

Saúde pública 39, 40, 41, 43, 44, 92, 97, 129, 133

Sistema nervoso central 19, 20, 22, 26

## **T**

Transgênero 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Transtorno do espectro autista 6, 7, 10, 12, 14, 17, 18

## **V**

Violência 33, 66, 67, 68, 69, 70, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Violência obstétrica 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# PRÁTICAS PREVENTIVAS E PRÁTICAS CURATIVAS NA MEDICINA 3

  
Ano 2021

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# PRÁTICAS PREVENTIVAS E PRÁTICAS CURATIVAS NA MEDICINA 3

  
Ano 2021